

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2018-06-05

Deposited version:

Pre-print

Peer-review status of attached file:

Unreviewed

Citation for published item:

Dores, A. P. (2017). O espírito profissional e a ilusão desencantada. In Luísa Veloso, Maria de Lurdes Rodrigues, Raquel Rego, Maria Alexandre Lousada, Carlos Gonçalves, Cristina Rodrigues (Ed.), *Anarquismo, trabalho e sociedade: livro em homenagem a João Freire*. (pp. 619-632). Lisboa: Almedina.

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Dores, A. P. (2017). O espírito profissional e a ilusão desencantada. In Luísa Veloso, Maria de Lurdes Rodrigues, Raquel Rego, Maria Alexandre Lousada, Carlos Gonçalves, Cristina Rodrigues (Ed.), *Anarquismo, trabalho e sociedade: livro em homenagem a João Freire*. (pp. 619-632). Lisboa: Almedina.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

O espírito profissional e a ilusão desencantada

Uma homenagem a um colega de profissão é o contrário do hábito académico em sociologia. É um acto literário. Pobre do sociólogo! Pobre do texto!

O monopólio do uso da terceira pessoa não faz sentido. E a exposição dos afectos, aquilo a que as ciências sociais chamam subjectividade, é inevitável. Não a dos outros, analisadas às lentes frias do analistas. Mas as do par homenageador-homenageado. Ou melhor, aquilo que imagina o homenageador ao pensar no homenageado e nunca tinha tido ensejo de expressar.

Não sou amigo pessoal mas apenas um observador distraído da acção de João Freire, o colega. Foi a consideração de ele me ter convidado para colaborar, através da participação num estudo de profissões em Portugal e de orientações de estudantes de mestrado, que justifica que um grupo de colegas se tenha lembrado de me incluir na lista de participantes nesta homenagem. O que agradeço. O que por si só diz alguma coisa sobre o carácter de João Freire, que aqui retrato como o profissional. Na verdade é de uma amizade que não teve chão para se espriar de que falarei.

Todos conhecemos o rigor com que, para ele, as regras de isenção devem ser transparentes e claras, em flagrante contraste com a vida portuguesa. E como o escândalo lhe parece injustificável, independentemente da razão. Tremo só de pensar que pode discordar radicalmente daquilo que pretende ser uma homenagem minha ao seu carácter. A mim, a isenção parece-me risco de sujeição. A liberdade tem de ter a capacidade de se manifestar escandalosamente – porque não vejo outra maneira – contra o escândalo da falta de respeito pelos seres humanos mais fragilizados.

Para mim, é-me penoso avaliar os limites aceitáveis do escândalo contra o escândalo. Temo sobretudo as discriminações que fazemos sem dar por isso.

Não manifestar as nossas discordâncias seria uma hipocrisia insuportável. Falar delas como conflito é falhar a verdade. Elas foram e são o sal da suave relação que estabelecemos, sobretudo por iniciativa generosa de João Freire, que imagino ter-me tomado como um possível representante seu na nova geração de sociólogos, com completa independência quanto às minhas crenças.

Aproxima-nos aos dois a saudável prática da desistência. Esta expressão é actualmente utilizada pela criminologia para investigar as boas práticas de saída do mundo do crime. Ora João Freire desistiu da vida militar e da vida académica. Sempre discretamente. Sujeito a privações, no primeiro caso. Alargando o horizonte da sua acção, no segundo caso. Eu passo a vida a desistir. De estudar engenharia, de ser profissional de informática, de ser funcionário da estatística, actualmente trabalho na minha desistência de ser sociólogo. Também neste aspecto as nossas diferenças nos aproximam.

Para João Freire, basta o que basta. Não há modo de se manter numa posição com a qual deixou de se identificar. Um profissional deve ser rigoroso na prestação de serviço ao bem comum, imagino que o sente mais profundamente que todos nós. Quando fica claro que é sobretudo o inverso, quando lhe pareceu que esse intento moral justificativo do seu profissionalismo estava em falta, afirma a si mesmo a necessidade da desistência com a determinação serena de quem faz o seu percurso feliz de vida, custe o que custar.

A ilusão desencantada, as vocações contingentes, aproximaram João Freire de Max Weber. Dedicou aos seus colegas de trabalho (grupo em que generosamente me incluiu) o seu livro *Economia e Sociedade*, análise sociológica sobre a sociedade portuguesa do seu tempo. Imagino-o a ler as conferências do Max Weber sobre as diferenças profundas entre as vocações do cientista e do político e a pensar para si como está ali a explicação dos seus próprios sentimentos: interesse profundo pela razão e pela sua capacidade de orientação da acção humana; distanciamento tenso com a insensatez da acção política.

Não tenho presente o João Freire doméstico – julgo saber que desenvolveu as suas capacidades artísticas em casa – ou as suas contradições identitárias, origem social, influências da primeira socialização, início de percurso de vida acidentado. Mas posso, na perspectiva em que me coloco para escrever este contributo para a homenagem, procurar descortiná-lo literariamente (coitado de mim). Como quem inventa a história de um personagem histórico a partir de traços disponíveis e do sentido que eu lhes dou. Tendo em conta não continuidades entre os diferentes campos de actuação de João Freire mas as rupturas que, imagino, permitem o seu equilíbrio existencial. Tal como as dissemelhanças entre nós nos aproximaram.

O estudo da intimidade

Gostava de ter a capacidade de Theodore Zeldin para descrever personagens e os usar para exemplificar estados de espírito comuns a todos os seres humanos. Mas seria desapropriado usar a personagem que se homenageia, em vez de fazer o inverso: procurar mostrar a sua complexidade. No fim do livro, Zeldin surpreendeu-me ao dar resposta cabal às minhas inquietações: a redução a linhas enxutas das imagens estilizadas das histórias complexas das pessoas que descreveu. Seja porque a representação da complexidade é simplista e unilateral, seja porque da detalhada complexidade das diferentes encarnações de carácter se torna impossível retirar lições memorizáveis. Mas como a nossa atenção e memória funcionam como funcionam, a tentação de síntese memorável torna-se exigível, para melhor transmitir (distorcendo e limitando) o que podemos conhecer do centro do motor da nossa inspiração.

Aquilo que Zeldin foi buscar a vários personagens que apresenta ao longo do seu trabalho, eu vou usar para descrever o nosso homenageado: as “seis lições (...) para descobrir a melhor maneira de viver” (Zeldin 1994:409-417). Saber como obedecer, negociar, tratar da nossa vida em privado, buscar conhecimento, falar e ser criativo. Com vista a manter um equilíbrio pessoal e social são.

Se há coisa que é segura e evidente é a firmeza de carácter do João Freire. Compromete-se profundamente com o que faz mas mantém sempre um distanciamento crítico em relação a si. As lições de Zeldin vão-me ajudar a descrever o que compreendo dessa firmeza equilibrada, que permite abandonar sem transigir, desistir para avançar, deixar para melhor continuar, na ideologia, na tropa, na universidade, na arte, nas relações pessoais.

Antes de aí chegar, passo em revista aquilo que conheço de João Freire.

O espírito profissional

Um dos dilemas dos sociólogos é definir que relação manter com os sistemas ou instituições sociais. Anthony Giddens explicou como as sociedades modernas dependem da confiança que as pessoas investem nos sistemas técnicos. Ou melhor, dependem da eficácia da pressão cultural para que as sociedades não questionem as políticas dos poderes estabelecidos (*politics*), e as aceitem democraticamente e à vez, conforme os governantes de turno. Nuvens de instituições e de técnicos especializados trabalham denodadamente para a melhoria do funcionamento das instituições (*policies*),

estudando e mobilizando consumidores, utilizadores, trabalhadores, empresários, cidadãos, profissionais, colaboradores.

Para a maioria dos sociólogos, cabe à sociologia afinar as conquistas civilizacionais e observar as tendências em curso para as canalizar para esse efeito: modernizar. O questionamento das orientações gerais que conduzem o mundo, como escreveu Max Weber quando distinguiu as vocações dos cientistas e dos políticos, não é sensível à racionalidade nem ao debate colaborativo. O facto de as intenções nunca se realizarem (e as que se realizam só aparentemente o fazem, à custa de muito propaganda) torna as utopias um perigo. O realismo, sobretudo bem visível na tradição inaugurada por Adam Smith ao estudar as riquezas das nações e ao considerar os interesses privados como legítimos, teme sobretudo a fragilidade da construção social de que beneficiamos. Por exemplo, quando comparamos sociedades ocidentais com sociedades não ocidentais e classes com capacidade de consumo e classes desfavorecidas, ficam evidentes os riscos de falta de conformidade entre a diferente riqueza das nações e o efeito perverso das desigualdades, seja nos países mais pobres, seja nos mais ricos.

As dificuldades ocorrem, mais graves, às sociedades e às pessoas que não se modernizaram. Em particular, ocorrem às pessoas que não se integraram nas variadas oportunidades abertas pela modernização, a nível económico, cultural, social. Quando a paz social não está assegurada, como aconteceu no fim da primeira Grande Guerra, um sociólogo como Max Weber pode ser chamado a orientar os seus alunos e admiradores. Que equilíbrio devemos manter entre ideologias políticas e estratégias institucionais de políticas públicas – perguntaram-lhe?



João Freire atreveu-se – disse-me a sorrir – a usar o título da obra-prima de Weber. Imagino que para corresponder a essa ansiedade profissional: *Economia e Sociedade*, em 2008, sobre “a sociologia da vida económica em Portugal na viragem do século”. Sobre os efeitos práticos das políticas públicas, para lá dos relatos ideológicos.

Próximo do anarquismo, que estudou em vários trabalhos, sente-se libertário liberal? Não posso saber. Não posso saber se aceitaria tal etiqueta, nem o que quero exactamente dizer, ao certo, com ela. A não ser vincar esta admiração do libertário pelo sociólogo clássico liberal.

Max Weber ajuda quem o adopte a sentir-se fonte de heterónimos. Um anarquista junto dos anarquistas. Um sociólogo junto dos sociólogos. Um militar junto dos militares. Aquilo que dará coerência a todas estas vocações é o profissionalismo empenhado de João Freire: uma ponte entre o interesse social e pessoal, garantia da integridade individual num mundo complexo. Na tradição dos artesãos, dos operários qualificados, dos trabalhadores por conta própria.

O poder que nos permite ser civilizados, verdadeiramente humanos, é frágil e precisa de ser acarinhado – é essa a lição que entendo do que leio de João Freire. Devemos aprender a recusar as hordas e as emoções fusionais. Assegurar as garantias de oportunidade de distanciamento pessoal dos fenómenos sociais, mesmo daqueles a que mais intimamente estejamos ligados. Com os mercados, sobretudo quando estão nervosos, ou as sociedades em movimento, há que proceder de forma prudente. Para não deixar a perder as escassas mas preciosas liberdades. Um pouco como é aconselhado

aos médicos: se houver risco de a intervenção ter efeitos negativos, não intervenha. Assegure-se, dentro dos saberes disponíveis, de haver certeza de estar a construir algo positivo.

O que, na visão de Max Weber, mantém a sociedade moderna estável é a sua multidimensionalidade: a pluralidade das instituições modernas, caracterizadas pela racionalidade burocratizada comum. A formalização das relações sociais em códigos objectivos mantidos por profissionais isentos face a públicos individualizados e tratados por igual. As sociedades sustentadas numa única base, da qual dependem, seja ela o mercado, a luta de classes, a religião ou o Estado-Nação, são mais violentas e instáveis, independentemente das intenções dos governantes. O poder, portanto, tanto é hierárquico na marinha, entre as nações, nas fábricas, nas escolas ou na ciência. A liberdade decorre da contradição e do equilíbrio entre esses e outros diferentes poderes, que abrem espaços onde os indivíduos se podem afirmar, entrar e sair, empenhar-se e desistir, disciplinada e responsavelmente.

O anarquismo de João Freire é moldado pela sociologia weberiana. A política não é algo que possa ser abolido. É algo que deve ser conduzido, como os outros campos e instituições sociais, com profissionalismo. E moldado civicamente. Pelas liberdades públicas, nomeadamente as defendidas globalmente pelas normas dos Direitos Humanos e pela Amnistia Internacional.

O interesse que manifesta pela vida da armada, depois de ter tido a coragem e a lucidez de escapar à desonra militar de estar em situação de ser compelido a atacar populações indefesas, como por todas as actividades em que trabalhou, contrasta ou confunde-se, ao mesmo tempo, com o distanciamento que mantém com as instituições. O anarquismo de João Freire é a referência a essa liberdade pessoal que, ao envolver-se no trabalho, permite observar-se a si mesmo de fora e, ainda assim, por isso mesmo, exigindo a si próprio comportamento exemplar, comportamento militar, comportamento profissional. Ou científico, no caso das ciências sociais.

[Ares de família](#)

O meu avô paterno deixou-me uma pequena biblioteca anarquista, de que me destacou o seu amigo Mário Domingues, que conheci em Santo António da Caparica onde ambos, o meu avô e ele, tinham casa. De veraneio o primeiro, de residência o segundo.

António Dorés, nascido em 1911, era filho de um ferreiro que trabalhou na Graça. Viveu em torno da Voz do Operário. Foi certamente essa a influência que o fez tornar-se estudante trabalhador em Económicas, colaborar com J.J. Langinha, nosso colega mais velho no ISCTE, na produção e venda de sebatas como forma de angariar algum sustento. Admirou Bento Caraça, a quem seguiu comprando todas as publicações da biblioteca Cosmos.

O avô que conheci era próximo do regime fascista. Gosto de pensar que mais por dever profissional do que por convicção. Nunca o ouvi discutir política. Acho que era essa a sua política, como diria o próprio Salazar. Alto quadro da Junta Autónoma das Estradas, exercia toda a autoridade que entendia ser sua obrigação. Foi dos primeiros saneados após a queda do fascismo. A doença que o vitimou, fiquei convencido, terá sido causada por esses duros acontecimentos. Nomeadamente a traição do Sr. Vicente, homem de que guardo uma imagem viperina de subserviência quando nos acompanhava, a mim e ao meu irmão mais velho, ao futebol ou tirava manhãs inteiras de sábado para nos dar lições nas primeiras classes.

Na verdade não conheci o meu avô o suficiente para poder fazer da sua vida uma avaliação precisa. Guardo ternura pela sua memória. À sua morte surpreendeu-me descobrir na biblioteca que herdei a sua veia anarquista e operária. Abandonada, ignorada, esquecida mas presente.

Para mim, anarquista era o bombista de que a minha avó falava. A insegurança durante o tempo da I República, a guerra e os comunistas. Jamais o meu avô me falou desses tempos. Foi também com surpresa que descobri o passado anarquista de João Freire, a quem conheci como professor universitário. Dupla surpresa por, apesar da sua descrição, o próprio retomar o assunto nos seus estudos. É estúpido falar do João como se fosse parecido com o meu avô. Mas é assim que sinto. Apanharam-me os dois de surpresa.

João Freire dificilmente poderia ser meu pai – temos 14 anos de diferença. Protagonizou tempos de mudança que eu apenas recebi. Nunca tive de tomar posição sobre a guerra. Fui salvo de ser convocado para a guerra pelo 25 de Abril. Sempre odiei tudo quanto meta fardas. Mas nunca tive numa situação de ter que testar a minha coragem na defesa das minhas convicções. Sobretudo não estou certo de alguma ter tido a lucidez que João Freire manifestou, quando escapou à guerra injusta.

Há uma aura de mistério que tolhe o meu olhar sobre o nosso homenageado. Nunca fomos amigos, no sentido de partilhar a vida pessoal. Embora tenha alinhado num esboço disso, quando nos convidou, aos seus colegas, para nos juntarmos com seus amigos para umas agradáveis passeatas higiénicas algures no país.

Centro de várias redes de relações sociais, João Freire assume as suas responsabilidades quanto basta. É isso que me parece. Ou dito de outra forma: o ideal de relações sociais parecem ser, para João Freire, as relações profissionais alargadas. Profissão no sentido que o meu avô parecia ter em mente quando, por alturas da minha entrada no curso de engenharia, me levou a um *atelier* de projecto para aprender na tarimba. Como um dia me contou que o seu pai fizera com ele, mas para cumprir um castigo: arcar com ferro pela Graça acima.

João Freire tratou os seus colegas mais novos, incluindo eu, como aprendizes. Vamos lá tarimbar juntos. Pelo menos foi assim que vivi, agradecido, a integração na equipe de trabalho que fez o levantamento possível das associações profissionais em Portugal. Quando entrei para a universidade pensava que essa seria a norma. Enganei-me. Mas João Freire mostrou-me que era possível realizar, caso fosse esse o entendimento dos colegas. Coube-me aquilo que pensou que eu poderia acrescentar: o estudo do impacto dos computadores nos diferentes tipos de profissões.

Surpreendeu-me a familiaridade e carinho do ambiente que criou à sua volta. Aquele gosto sincero pela profissão, que não era (nunca foi) a matriz da minha relação com a sociologia.

O eterno retorno

Só muito depois de conhecer o professor, tive conhecimento da deserção do antigo militar. Conheci outros que fizeram o mesmo. Mas em nenhum vi o gosto pela profissão militar que percebi no seu caso. Nem orgulho nem decepção. Simples atenção e rentabilização das práticas sociais que o moldaram positivamente, apesar de toda a carga emocional que o processo de fuga clandestina para Paris certamente representou. Sim, Max Weber. Os juízos de facto e os juízos de valor, a sociedade e a pessoa, não se misturam em João Freire.

Nisso também vivo um paralelo familiar. Um filho, incapaz de continuar a fingir que cumpre os requisitos deontológicos profissionais, impossibilitado de reclamar contra o

tipo de relações laborais existentes, desertou do país, como tantos outros. Agora não a fugir da guerra mas da imoralidade profissional vigente no campo da saúde, onde ingressou recentemente, em plena crise financeira e de recuo civilizacional. Bastou-lhe tomar legalmente o avião e ir à procura de onde possa ser um profissional mais livre, mais responsável. Onde os critérios profissionais de respeito pelo doente, no caso, sejam valorizados e a formação profissional uma preocupação central. Assim exista o sítio que procura.

João Freire construiu a sua leitura da modernidade em torno de si, como profissional. Independentemente das condições de laboração, em Portugal ou no estrangeiro, na tropa ou na universidade. Ressentiu-se. Abandonou quando as situações amadureceram. O profissionalismo, mesmo ou sobretudo quando liberto de compromissos, afirma-se.

Blogosfera

Acompanho distraidamente as lições que escreve para o seu blog, “a ideia livre”, continuando o trabalho a que se dedicou durante alguns anos de publicação a que o seu nome está intimamente ligado, a revista “A Ideia”. Surpreendo-me por, em Janeiro de 2016, ter *postado* (é assim que se diz agora, que querem que faça?) e manifestado a necessidade de entrar por “uma política nova e de cara lavada”, uma reflexão que não lhe conhecia (por falta de atenção minha). E com a qual me identifico em grande medida. A sua reconhecida lucidez tocou num tabu da política portuguesa: a necessidade de “lavar a cara”. Um texto que recomendei mas que terá de esperar para que haja leitores com a determinação que João Freire aí demonstra. Estamos, infelizmente, na situação de suportar “terrorismo e segurança”, tema a que volta várias vezes, sempre com um toque profissional de quem segue estes assuntos de uma forma emocionalmente contida, por ser a cognitivamente mais adequada e a profissionalmente recomendada em meios militares.

Tenho esperança nas redes de relacionamento criadas pela internet. Acho que o Castells e o Gustavo Cardoso têm razão em ver aí um trunfo de profunda mudança civilizacional. A prazo. Apesar da urgência actual. As lutas políticas em torno da liberdade na net são, por isso, muito relevantes, embora não apenas secretas – como toda a política actual – mas incompreensíveis para o vulgo, no qual me incluo. A linguagem técnica cheia de anglicismos intraduzíveis (ou sem que os tradutores tenham tido tempo de fazer o seu trabalho) não ajuda.

Independentemente do que venha a ser o futuro, organizar uma presença na blogosfera representa o serviço público que serve, hoje em dia, a qualquer profissional de justificação e orientação do seu labor especializado. João Freire aí está. Mobilizando as suas várias competências e identidades, sem barreiras entre si. No sentido inverso das especializações a que os sociólogos são praticamente obrigados na insanidade actual do modo de avaliação não das ideias mas das revistas em que os artigos escritos são aceites.

Ciência

A ciência foi a sua profissão, durante os anos que trabalhou na Universidade. E, posso testemunhá-lo, saiu mais cedo do que podia ter feito.

João Freire espanta-me sempre pela sua contenção e pela sua determinação, misturadas de forma singular. Conheci-o junto de amigos dele radicalmente exaltados na defesa de ideologias de que sempre estive próximo. Que deviam ser prioritárias no estudo e na apresentação das ciências sociais – diziam. João Freire mantinha-se condescendente e distante ao mesmo tempo. Pareceu-me. A sua ideologia, como a compreendo, era desconfiar das ideologias, incluindo das dos amigos próximos. Conheci-o também, na sua ausência, na boca de detratores que não lhe perdoavam o distanciamento que cultivou das ideologias de esquerda, de que imaginaram terá estado próximo na juventude (isso não posso testemunhar). Jamais reagiu. Jamais transigiu.

Figura central de coisas que se passam à minha volta, na universidade e na vida cívica, a sua discrição pessoal e a ausência de bandeiras à sua volta rompem com os hábitos estabelecidos. E são exemplo, sem escola, a reter.

Recordo-me dos comentários, entre os colegas docentes, sobre a determinação que impôs a si próprio quando assumiu o lugar de Presidente do Conselho Científico do ISCTE. Divertidos e incapazes de compreenderem o afã – que lhes parecia exagerado ou mesmo de utilidade limitada – prestavam, ao mesmo tempo, a sua homenagem à eficácia e eficiência dos processos de estruturação da vida científica da Universidade. Tanto para fazer, terá pensado João Freire. E deixou as referências doutrinárias para um trabalho científico pertinente e livre.

Só posso imaginar o seu desalento ao compreender como os colegas não entenderam o seu legado, ainda que nunca tenham deixado de agradecer o trabalho e de reconhecer o

mérito. Na minha cabeça, esta memória sinaliza a tendência global para a subserviência académica aos poderes fácticos, paralela às degenerescências das sociedades ocidentais até ao descontentamento geral actual. Como pessoas livres, instaladas em instituições que promovem a liberdade, se podem queixar por se submeterem a políticas que entendem erradas? A mesma universidade que não utilizou os caminhos abertos da liberdade desenhados, com destaque, por João Freire, aceitaram enfiar-se em camisas de sete varas a pretexto de Bolonha se recomendar à vida académica europeia (António Nóvoa 2014).

Nunca discuti o assunto com João Freire, ainda que admita que pudesse concordar com este meu diagnóstico. Esta opinião é da minha inteira responsabilidade e não compromete mais ninguém. A sua contenção é determinada: não lhe parece útil alimentar debates sobre possibilidades. Por isso a força que o fez dedicar alguns anos da sua vida a cumprir o papel de Presidente do Conselho Científico só possa ter sido gratificante. Usou todas as suas capacidades para contribuir para o que entendeu ser o interesse universitário.

João Freire entende-se como um profissional, estou seguro disso. Como uma peça de uma máquina, não lhe cabe – imagino que assim pensa – elucubrar sobre o que possa ser feito. Cabe-lhe fazer aquilo que pode ser feito no sentido que melhor souber fazer, em cada momento, em cada função, em cada oportunidade. Porque não há essências neste mundo, não se pode esperar resultados previamente determinados. A acção profissional é de responsabilidade limitada. Limitada à sociedade. Isso sim, um bom objecto de estudo. Em vez da sua acção pessoal, que seria apropriável pela psicologia, com a qual jamais colaboraria.

Neste sentido, João Freire é um sociólogo nato – tem aversão à psicologia intrometida e manipuladora. O que não quer dizer que não entenda a sociologia como uma ciência capaz de penetrar na mente humana. Ao contrário: quando escreveu sobre a sua primeira profissão fê-lo com reconhecida argúcia psicológica (Matos 2004).

A sociedade determina, na sua indeterminação, aquilo que será feito dos trabalhos de quem nela vive. Jamais João Freire alimentaria a ideia nele próprio e em terceiros de haver uma conduta melhor que outra, no que toca a construir. Tem, por outro lado, uma posição muito clara contra quem destrua ou seja intencionalmente negligente no uso das posições ou oportunidades de intervenção social. Colaborador da Amnistia

Internacional, não o faz por entender que a repressão não é legítima. Fá-lo contra a repressão ilegítima, que conheceu bem cedo na sua vida pessoal.

Profissional da marinha de guerra portuguesa, entendeu a sua participação na instituição como imoral, na medida em que as funções de guerra legítimas não estavam reunidas. Muito jovem desertou de uma profissão com a qual manteve, ao longo da vida, laços afectuosos fortes e notórios. Sabe bem como a diferença entre o cumprimento do dever e a moralidade social pode ser excruciante. Não aceita que se estabeleçam critérios menores para ajuizar tais situações. Os critérios de referência serão os profissionais.

“A erudição é uma qualidade pessoal excepcional que só alguns alcançam. Quando esse saber não fica fechado apenas entre pares e é difundido sem discriminações a quem é capaz de o acompanhar (...), então somos todos nós, simples mortais, que ascendemos momentaneamente a patamares mais altos, lastimando embora que não possamos ser acompanhados pela maioria. Mas não há dúvida que o ‘progresso’ existe, no sentido em que os horizontes culturais do grosso da população se tem vindo sempre a alargar, com a alfabetização, primeiro, a escolarização, depois, e na nossa contemporaneidade com a espantosa difusão dos meios audiovisuais, embora aqui de maneira mais complexa ou contraditória” (Freire 2015).

Não entendo esta declaração como um hino ao vanguardismo ou um darwinismo social. Enquadro-a no contexto do reconhecimento objectivo de méritos pessoais, entre pares, inspiradores para os mais atentos, distantes para os que não tenham a oportunidade de seguir de perto os avanços da fronteira do progresso. Progresso profissional, acrescento, diferente do progresso empresarial ou de carreira burocrática.

Notas finais

Retomo Zeldin, na esperança de poder sistematizar aquilo que julgo saber do nosso homenageado. Diz o historiador que o carácter humano enfrenta seis problemas principais e define-se pela maneira como se desenvencilha deles, a saber, a obediência, a negociação, o cuidar da vida, a busca de conhecimento, o fazer entender-se e o que fazer com a criatividade.

Nesses termos, João Freire surgiu-me preparado para obedecer, isto é, integrar dinâmicas em curso para as servir, economizando esforços e partilhando as crenças declaradas. A sua obediência já é uma forma de negociação. Depende se o rumo dos

acontecimentos correspondem ao desígnio enunciado e da política reagir contra ou reforçar os desvios. Não lhe cabe complicar ou sequer perturbar os esforços de convergência entre os desejos superiormente doutrinados e as práticas de terreno, que sabe serem duas coisas distintas. Mas não prescinde da sua própria avaliação sobre o estado dessa convergência. E caso a convergência se torne divergente, aí está um problema de consciência a ser tratado com firmeza.

A vida, pelo menos a que eu conheço, centra-se à volta da valorização do conhecimento. Do seu e do dos outros. Sabedoria feita de partilha de experiências e de abertura. Orientada pelos princípios gerais que conduzem a sua inteligência. Conhecimento que não é apenas substantivo. É também formal, estético. Embora a síntese de cada um destes aspectos da sabedoria não surja a público. Talvez não o tenha tentado.

Não é um extrovertido, nem um falador. É mais observador. Exprime-se com as letras de forma contida. Guarda as emoções para a pintura. Profissionalizou-se nas ciências sociais. Pinta as contradições do mundo desencantado.

Cada um de nós é aquilo que constrói como imagem de si. Mas é também a imagem que outros transmitem associada a todas as outras imagens que circulam em volta de um ser humano. Para colaborar na merecida e oportuna homenagem colectiva ao João Freire, deixo-lhe este seu retrato escrito.

Referências

- António Nóvoa, 2014. Em busca da Liberdade nas universidades: Para que serve a investigação em Educação? *Revista Lusófona de Educação*, (28), pp.11–21.
- Archer, M.S., 2007. *Making our Way through the World*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Freire, J., 2015. Avanços e controvérsias culturais. *Blog A Ideia Livre*. Disponível em: <http://www.aideialivre.blogspot.pt/2015/12/avancos-e-controversias-culturais.html> [Accessed April 11, 2016].
- Graeber, D., 2011. *Debt – the First 5000 Years*, NY: Melville House Publishing.
- Matos, L.S., 2004. Recensão de “Homens em Fundo Azul-Marinheiro” de João Freire.

Análise Social, (172). Disponível em:
http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0003-25732004000400011&script=sci_arttext.

Mouzelis, N., 1995. *Sociological Theory: What Went Wrong? – diagnosis and remedies*, London: Routledge.

Therborn, G., 2006. Meaning, Mechanisms, Patterns and Forces: an Introduction. In G. Therborn, ed. *Inequalities of the World – New Theoretical Frameworks, Multiple empirical approaches*. pp. 1– 58.